

UM INTELLECTUAL ENTRE A DOMINAÇÃO E A RESISTÊNCIA: A EXPERIÊNCIA DE FERREIRA GULLAR NO MUNDO SOCIAL LUDOVICENSE

Walmir Braga Faria*

Introdução

José Ribamar Ferreira, mais conhecido como Ferreira Gullar (1930-2016), tem um legado poético, teórico e de múltiplas facetas, sendo que a sua produção se divide em 13 diferentes atividades ligadas à vida intelectual e artística, entre elas o jornalismo e a poesia. Colaborações destiladas no curso de uma vida e uma obra notabilizadas por rupturas profundas, que vão do erudito ao popular, de uma arte com traços artesanais ao massivo, da vanguarda ao rompimento com esta, do uso da arte na luta ideológica à defesa de uma atitude intelectual e estetizante não-engajada. Ademais, Gullar rompeu com noções tradicionais da poesia, promovendo inovações consideráveis, direcionadas à mudança do perfil da arte moderna do Brasil em meados do século XX. E foi um militante relevante na organização comunista, que colaborou na oposição à Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), desenvolvendo ações individuais e coletivas não só na arena cultural, mas também no âmbito político.

A ideia-guia deste escrito é apresentar alguns aspectos de uma investigação em curso sobre a trajetória social de Ferreira Gullar no período 1930-1954. Nesta pesquisa, a trajetória de Gullar e seu contexto de origem são recuperados para dar legibilidade à sua obra, porém sem perder a ênfase na experiência do indivíduo em questão, a partir da qual essa obra veio a ser escrita.

Para fins de exposição, contudo, foram selecionados alguns momentos da juventude de Gullar para o texto. Dessa maneira, argumento que a análise da trajetória mencionada pode ser tanto uma alternativa para a abordagem do fenômeno da dominação das elites, quanto das formas de luta e resistência. E isso mesmo no período da sua vida em São Luís, no qual é possível recuperar um estado de incerteza e ambivalência de escolhas vivenciado por Ferreira Gullar.

* Doutorando em Sociologia (UFPR), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atualmente, realiza uma investigação sociológica sobre a poética de Ferreira Gullar (1930-2016), sob a orientação do Prof. Dr. Rodrigo Czajka. É membro dos grupos de pesquisa *Cultura, política e movimentos sociais na América Latina* e *Pensamento social, intelectuais e circulação de ideias*. E-mail: walmir.braga.faria@gmail.com.

Isso posto, nas próximas páginas irei descrever sucintamente o mundo social proporcionado pela São Luís desta época ao jovem José Ribamar Ferreira, utilizando a sua trajetória como estratégia para explorar a dinâmica das redes em que ele estava envolvido. Subsequentemente, contemplarei a questão da relação entre o jovem intelectual e a elite dominante local, perseguindo a hipótese de que ele e outros indivíduos, que então formavam uma teia intelectual de identificação, contribuíram para capilarizar a dominação da elite ludovicense sobre alguns espaços da vida social, tal qual colaboraram na banalização de símbolos em sintonia com tais interesses. Ao fim, será mostrado como Gullar rompeu relações com parte dessa mesma elite nessa época, passando a opor-se a ela.

Sendo assim, o artigo é perpassado pelo suposto de que, na juventude, os indivíduos vivenciam relações sociais, contradições, processos, estímulos, experiências, aprendizados e por vezes acessam recursos sociais escassos, elementos que podem ser cruciais para se entender o desenlace do seu destino social. E sem os quais, diga-se de passagem, talvez não fosse possível falar da existência de um intelectual tão significativo na arena da cultura para a organização comunista.

O mundo social proporcionado pela São Luís dos anos 1930 e 1940 ao jovem Ferreira Gullar

Raymond Williams, em *Cultura e sociedade* e *La larga revolución*, busca reconciliar os significados da cultura como atividade criativa e todo um modo de vida, uma tarefa voltada a ampliar a capacidade de entendimento de nós mesmos e das nossas sociedades, que ilumina uma dinâmica contínua, em que o ser humano muda e é mudado. Esta e outras sugestões de Williams (2003, 2011) são relevantes para a análise da obra e da experiência de Ferreira Gullar, mediante as quais é possível identificar respostas profundas à realidade do modo de vida, sem perder de vista como a cultura pode carregar em si as marcas da dominação, assim como da resistência. E tais sugestões podem ser articuladas à disposição de se flagrar a trajetória em análise em meio às circunstâncias do seu contexto social de origem.

José Ribamar Ferreira nasceu na cidade maranhense de São Luís, no dia 10 de setembro de 1930. Seu nome fazia referência a um santo bastante popular no Maranhão, São José de Ribamar, origem que sinaliza para a presença da doutrina católica em sua esfera familiar. Newton Ferreira, seu pai, foi um comerciante ambulante que, mediante as mudanças em curso nesse período, pôde com o tempo possuir a sua própria quitanda,

estabelecida na casa onde residia a família Ferreira. Nela, Alzira Ribeiro Goulart, a mãe de José, conhecida como dona Zizi, assumia o papel de dona de casa. Essa residência-quitanda possuía um quintal onde os 10 filhos do casal brincaram durante a infância.

Conforme destaca Williams (2011, p. 232), em uma atmosfera com essas características, os processos materiais para satisfazer as necessidades humanas não ficam separados dos relacionamentos pessoais. A experiência de crescer em um pequeno mundo familiar como esse possivelmente favoreceu para que José Ribamar viesse a aprender que uma vida em comum precisa ser feita com base em uma correspondência entre relacionamentos de trabalho e relacionamentos pessoais, uma característica que reaparecerá de modo vívido no decorrer da sua história pessoal.

A residência-quitanda da família Ferreira ficava no cruzamento entre as estreitas Rua dos Afogados e Rua Alegria, próxima de construções datadas do século anterior, que mesmo hoje ainda expõem azulejos lusitanos, no Centro de São Luís. Não obstante a sua geografia histórica, a cidade passava por um processo de crescimento populacional considerável nessa época, quando o leque de atividades humanas lentamente se ampliava, mas sem o correspondente surgimento da paisagem homogênea e dos edifícios anônimos usuais das metrópoles, e sim em companhia de enormes casarões e palacetes.

Nessa atmosfera familiar, o pequeno José Ribamar Ferreira viveu sua primeira socialização e suas primeiras experiências de vida, que ocorreram em um locus social particular. A família Ferreira estava localizada entre as camadas inferiores do que se poderia chamar de classe média ou pequena burguesia local, cujas fronteiras em relação à classe operária de São Luís eram bastante obscuras. Ao se analisar diferentes jornais da época¹, é possível verificar que os nomes de Alzira e Newton não figuram em nenhum deles, o que é indicativo da posição social ocupada por ambos. A mãe e o pai da família, desprovidos de capitais prévios, estavam longe de possuir riqueza ou renda elevada, tampouco redes amplas e diversificadas de alianças, nem diplomas ou uma biblioteca. Apesar disso, mediante as fontes verificadas até aqui, é possível saber que eles eram alfabetizados, situação que não era a mais comum no Maranhão na década de 1930, como veremos adiante.

Ao se reconstituir parte do ciclo de correspondências históricas que atravessaram a infância de José Ribamar, inscrevendo-se no seu destino, assim como direcionando as possibilidades sociais e materiais de inventá-lo, é possível verificar a emergência de dois

¹ Os jornais consultados e seus respectivos períodos figuram nas referências ao final do artigo. Eles foram acessados mediante o acervo da *Hemeroteca Digital Brasileira*.

campos de socialização que marcarão profundamente a sua infância e juventude. O primeiro deles correspondeu à escola de ensino técnico que ele frequentou, que durante o Estado Novo (1937-1945), devido às mudanças, conflitos e reivindicações em curso da classe trabalhadora, passava a oportunizar conteúdos ligados às humanidades, antes exclusivos do ensino ofertado às camadas mais abastadas. O segundo dizia respeito ao acesso e frequência à Biblioteca Pública do Maranhão, sendo que nesse período, após a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), em 1937, diversas bibliotecas espalhadas pelo país, sobretudo em suas capitais, passavam a existir ou a ter uma ampliação considerável do seu catálogo. Este que era muito marcado pelas obras dos indivíduos que integraram diferentes gerações do modernismo brasileiro, e que por vezes eram servidores bem posicionados no interior do próprio Estado.

Nessa época, devido a processos materiais e sociais mais amplos – como a expansão do sistema educacional e a ampliação da produção ligada à indústria do livro no Brasil, que se inter-relacionavam a outros processos, como a própria integração do Estado brasileiro –, os livros passavam a fazer parte do cotidiano do jovem José Ribamar, constituindo-se como um instrumento de apreensão do mundo, e como um veículo de acesso a determinados ideais e desejos que marcaram profundamente a sua formação. E, apesar das mudanças e adaptações ao cenário local que iremos observar, parte desse aprendizado e desses ideais e desejos se aprofundará com o tempo, orientando algumas tomadas de posição suas posteriormente.

Nessa direção, as leituras que ele fez durante a infância e juventude em São Luís, citadas nos relatos do autor diversas vezes ao longo de diferentes momentos, convergem amplamente com a produção editorial do período, na qual é possível observar a publicação e larga expansão das obras de autores como Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Manuel Bandeira (1886-1968), Vinícius de Moraes (1913-1980), e outros, estrangeiros, como Fernando Pessoa (1888-1935) e Rainer Maria Rilke (1875-1926).² A partir das leituras desses e de outros poetas e romancistas modernos, José Ribamar irá apreender aquilo que Said (2005, p. 28) define como algo de que os intelectuais são representativos, um estilo de vida bastante peculiar, acompanhado por um desempenho social que lhes é único. Um papel visto com maior clareza em algumas obras literárias como as mencionadas, “em que a representação da realidade social é profundamente influenciada e até alterada, de maneira decisiva, pelo surgimento súbito de um novo

² Sobre o processo de constituição e expansão do mercado editorial brasileiro, ver Sorá (2010).

protagonista: o jovem intelectual moderno” (SAID, 2005, p. 28). Com efeito, o caso do jovem José Ribamar expõe a pertinência da sugestão de Williams (2003, p. 47), de que receber e viver a experiência de um artista pode não ser uma atividade casual, a ponto de se constituir em uma verdadeira mudança de vida.

Com o tempo, quando já beirava os 17 anos, o jovem José Ribamar buscou se inserir na vida literária de São Luís, que, durante os anos 1940, era caracterizada por bares como o Moto Bar, os quais integravam o polo geográfico-literário e boêmio que era tracejado nos arredores da Praça João Lisboa, no Centro de São Luís; tal qual pelos dois principais pináculos da tradição literária local: a *Academia Maranhense de Letras* e o *Centro Cultural Gonçalves Dias*. A partir de 1947, José Ribamar passou a frequentar aqueles bares e esse centro cultural, locais onde ele pôde estreitar laços com diferentes gerações da pintura e da literatura maranhense. Nos anos 1940 e 1950, no mapa do pouco institucionalizado espaço intelectual urbano ludovicense, especialmente aqueles bares e uma movelaria tornaram-se os lugares obrigatórios de reunião dos estreates, onde as relações entre diferentes gerações estreitavam-se aos poucos, e intensificavam-se os laços de amizade. Nesse momento, algumas das pessoas com quem José Ribamar cultivou esses laços foram o experiente pintor Telésforo Rego (1900-1962) e o jovem poeta Lago Burnett (1929-1995), ambos bem sintonizados com a tradição cultural ludovicense.

Ao se analisar a juventude de José Ribamar Ferreira em São Luís é impossível não levar também em conta a sua presença em alguns escassos, porém essenciais, espaços de projeção e aprendizado. Sendo que, gradualmente, em 1947, ele passou a frequentar o *Centro Cultural Gonçalves Dias*, para pouco tempo depois, indicado pelos próprios membros do centro cultural, passar a trabalhar como locutor na principal rádio da cidade, a *Rádio Timbira*, em 1948. E, por fim, ele e Lago Burnett se tornaram os porta-vozes daquele centro cultural, ao organizarem o *Suplemento Cultural* do jornal com maior tiragem na cidade, o *Diário de São Luiz*, atividade iniciada em maio de 1949.

Com efeito, o mapeamento das redes a que ele se vinculou nesse período revela que por vezes os mesmos indivíduos transitavam por esses espaços. Além disso, os três veículos apresentavam algo mais em comum: o vínculo com o mesmo grupo político a que pertencia o político-empresário Sebastião Archer (1883-1974), então governador do Maranhão, cujo mandato durou de 1947 a 1951. Esse grupo tinha como principal expoente o político-empresário-jornalista³ Victorino Freire (1908-1977), naquele momento um

³ Expressões como esta se referem à realidade típica de uma sociedade em formação, usualmente marcada por muitos indivíduos que transitam por vários aprendizados e práticas e se confundem, como podemos ver

senador do estado maranhense. Conforme destaca Barros (2006), esse agrupamento permaneceu no poder executivo do Maranhão de 1947 a 1965, concedendo vida ao ciclo conhecido como o da oligarquia vitorinista.⁴

Quanto ao *Centro Cultural Gonçalves Dias*, é preciso ressaltar que ele foi fundado em 1945, em meio ao clima social de ocaso do Estado Novo e reorganização da elite local. Além de passar a funcionar rapidamente como um pináculo da tradição literária maranhense, promovendo os rituais que serão comentados nas próximas páginas, a instituição era um importante espaço indireto de recrutamento dos indivíduos que logravam inserção em alguma das poucas atividades intelectuais remuneradas à disposição na cidade. Dado este cujo valor reside não apenas no fato de reforçar o quão típicos eram os casos de Lago Burnett e José Ribamar nesse momento, mas especialmente nas indicações gerais que ele oferta, relativas à inserção dos mesmos indivíduos em espaços importantes da vida social local. Tais espaços funcionavam como polos de produção e circulação de certos discursos, assim como de rotinização de determinados símbolos. Sendo relevante acrescentar a proatividade do jovem José Ribamar Ferreira nesses espaços, atestada por diversas matérias publicadas nos jornais de então, como quando ele tomou posse de uma cadeira no *Centro Cultural Gonçalves Dias*, conforme consta no *Diário de São Luiz*.⁵

O Centro Cultural “Gonçalves Dias” promoverá, domingo próximo, mais uma reunião pública, às 10 horas, no Teatro “Artur Azevedo”. Tomará oficialmente posse de sua cadeira naquela sociedade o jovem Ribamar Ferreira cuja personalidade literária será estudada pelo centrista Vera Cruz Santana. A reunião de domingo está destinada a alcançar grande brilhantismo, constituindo um expressivo acontecimento em nossa vida cultural.

Isso, muito embora o experiente Ferreira Gullar viesse depois a minimizar a sua participação no centro cultural em sua autobiografia, ao afirmar que a instituição

na realidade da ilha de São Luís ainda nessa época, quais sejam políticos-empresários, poetas-locutores-jornalistas, romancistas-comerciantes, políticos-empresários-jornalistas, advogados-historiadores etc. Tais posições derivavam do paulatino trânsito de uma sociedade que foi profundamente dependente da mão de obra escrava, cujo excedente girava em torno da produção do algodão, do arroz e do açúcar, para um mundo social urbano e de ofícios que lentamente se diferenciavam.

⁴ Apesar do sentido pejorativo usualmente conferido à palavra “oligarquia”, é preciso salientar que o mesmo termo pode ser utilizado como categoria analítica, ao se referir a um mundo social sob controle político de uma pequena elite. Este é o sentido aqui empregado, fundamentado tanto nos dados sobre o contexto em questão, como nos apresentados pelas historiografias citadas nesta pesquisa.

⁵ Reunião do Centro “Gonçalves Dias”. *Diário de São Luiz*, São Luís/MA. 26 nov. 1948. Sociedade, ano IV, p. 09. Disponível mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

“promovia aos domingos de manhã recitais de poemas na sede do Grêmio Lútero Recreativo Português, que ficava na praça João Lisboa. Cheguei a declamar poemas meus numa dessas sessões” (GULLAR, 2015, p. 21). Esta e outras contradições, vistas ao se cruzar parte dos dados da época ao farto cardápio de testemunhos legados pelo autor e feitos posteriormente, expressam as consideráveis mudanças ocorridas em sua trajetória ao longo do tempo, sendo que o valor atribuído a certas práticas, produções e relacionamentos por vezes será reavaliado ou até esquecido. O que sublinha a necessária cautela metodológica para o tratamento de fontes como a autobiografia publicada pouco antes do falecimento do intelectual.

Já a *Rádio Timbira*, inicialmente Rádio Difusora, foi fundada em 1941, durante o Estado Novo (1937-1945), como solicitação do então Interventor Paulo Martins de Souza Ramos (1896-1969), constituindo-se como a primeira rádio oficial do estado. Em meados dos anos 1940, ela foi adquirida via um contrato de comodato pelo empresário Assis Chateaubriand (1892-1968), passando a integrar os seus *Diários Associados*, maior cadeia de comunicação do país na época. Dessa maneira, a rádio tornou-se então – junto com os jornais *O Globo* e *O Imparcial*, comprados pelo mesmo empresário em São Luís – um dos principais braços políticos de Chateaubriand, tal como da elite local que se reorganizou após o ocaso do Estado Novo, no Maranhão. Tanto a rádio quanto os laços que Chateaubriand teceu aos poucos com tradicionais setores participantes do poder da cidade e do estado (bastante inclinados a clientelismos, quando não até a mandonismos que relembavam o Brasil Colonial⁶), foram cruciais para que o conhecido empresário fosse bem-sucedido em sua campanha ao senado maranhense, em 1955, com o apoio de Victorino Freire.

No que diz respeito ao jovem José Ribamar Ferreira, se o seu primeiro pseudônimo como poeta, antes mesmo do seu primeiro livro, era Ribamar Ferreira, na rádio ele passaria a ser conhecido como o locutor Afonso Henrique, que realizava transmissões nas noites da semana. Entre outras funções, ele era o responsável por transmitir notícias relacionadas à vida política da cidade e do estado, por vezes previamente encaminhadas pela direção da rádio. Interessante notar que a interdependência formada entre o grupo político e o círculo de intelectuais mencionado

⁶ Sobre o PSD, partido que se sustentava a partir de mandonismos locais e que possibilitou ao político-empresário-jornalista Victorino Freire um controle político demasiado elevado no Maranhão, ver Caldeira (2006).

cristalizava-se até mesmo na congruência entre os nomes do centro cultural e da rádio. Se o primeiro fazia referência ao poeta maranhense Gonçalves Dias⁷, o nome da rádio trazia a referência a uma das obras do mesmo autor, o poema narrativo *Os Timbiras/Poema Americano*, cuja primeira edição data de 1857. O que evidencia a banalização de certos símbolos⁸, que passava a se acentuar mais a partir de 1945, em sintonia com a expansão das oportunidades de poder da oligarquia vitorinista no mundo social local.

Segundo acentua Elias (1999), geralmente os processos de mudança social correspondem à ascensão e à queda de grupos de indivíduos, sendo que uns ampliarão as suas oportunidades de poder, enquanto outros perderão ao menos parte dessas oportunidades. No mundo social ludovicense, com o fim do Estado Novo e a correspondente queda do agrupamento em torno do interventor Paulo Ramos, houve a consequente queda de certos monopólios desse agrupamento, entre eles o ligado à rádio com maior capacidade de penetração no estado maranhense. Essa fonte de poder, da qual os membros do grupo que girava em torno de Victorino Freire estavam anteriormente excluídos, na segunda metade dos anos 1940 passou a ser crucial para que eles pudessem perpetuar os seus interesses e a sua singularidade na esfera local.

Dessa forma, é fundamental assinalar que nesta época as rádios eram um veículo de poder considerável, maior em comparação com as décadas mais recentes, tendo o ofício de locutor (apesar da sua baixa autonomia e pouca liberdade) um papel marcante junto ao público. Em um tempo em que os discursos não tinham o mesmo nível de circulação que o alcançado com a rotinização da TV e, após ela, da internet, as rádios e os profissionais e grupos vinculados a elas podiam usufruir de múltiplas vantagens, maiores se comparadas às do cenário atual. Como a de possuir um significativo espaço de produção e difusão de discursos sobre eventos sociais e políticos. Trunfos relacionados à gradual (mas, na São Luís de fins dos anos 1940, ainda lenta) massificação dos processos simbólicos, assim como a diversas formas de desigualdade. Inclusive, as

⁷ Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) foi um poeta e intelectual afrodescendente, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, que nasceu no Maranhão, mas radicou-se no Rio de Janeiro. Ele é reconhecido como o maior expoente da poesia romântica brasileira, posição similar à ocupada na prosa por José de Alencar (1829-1877). Ambos esses intelectuais se destacaram na missão de criar uma identidade nacional para o Brasil na arena da cultura, inaugurando com o romantismo uma literatura reconhecida como brasileira. Uma das marcas expressivas da produção de Gonçalves Dias é a sua dimensão indianista, mediante a qual o índio se converte em um símbolo da nacionalidade brasileira. Na chave romântica do poeta, o indígena personificaria uma espécie de Idade Média que o Brasil não possuía. Sendo excluída dessa obra a referência ao longo genocídio histórico vivenciado pelas populações indígenas no país.

⁸ Compreendo a palavra “símbolo” em uma chave antropológica, que diz respeito a qualquer elemento dotado de um significado coletivamente partilhado pelos membros de uma mesma cultura ou subcultura. Definição que abarca signos visuais, palavras, expressões, categorias nativas, gestos, objetos etc.

sensíveis desigualdades internas às regiões que formavam o Estado brasileiro, tal como entre essas mesmas regiões. Desigualdades inscritas, por exemplo, no elevado índice de analfabetismo do estado maranhense, que conferia um enorme poder a quem exercesse o controle de um veículo como a *Rádio Timbira*.⁹

Quanto ao *Diário de São Luiz*, é necessário enaltecer que a participação na organização do *Suplemento Cultural* do jornal dirigido pelo político-empresário-jornalista Victorino Freire, o maior expoente no jogo do poder local, firmou um importante ponto de inflexão na trajetória artística e intelectual de Ferreira Gullar no mundo social de São Luís. A presença desse chefe político como posição significativa é posta em evidência pela proeminente existência material do seu nome nas capas do jornal. Como salienta Sodré (1999), uma característica da transformação da imprensa brasileira, na transição do século XIX para o XX, passou a ser a tendência cada vez maior para a separação entre os fundadores de um jornal e quem financia a sua opinião. Desse modo, no caso do *Diário de São Luís*, nos anos de 1940 e 1950, tal separação ainda não era observada, ficando a direção do jornal a cargo justamente do principal expoente da vida política do estado maranhense. O que sublinha o enorme poder exercido por indivíduos como Victorino Freire e Sebastião Archer, este que além de governador, era dirigente da expressiva Companhia Manufatureira e Agrícola de Codó, do interior do estado; dois nomes expressivos da vida política e que, ao mesmo tempo, eram grandes proprietários do capital. Um poder que poderia ampliar consideravelmente as oportunidades para certos indivíduos ou inviabilizá-las, em meio a uma dinâmica em que o jogo de dominação provavelmente facilitava diretamente o exercício da exploração.¹⁰

Apesar dos últimos elementos descritos, ainda que em relativa e filtrada medida, Ferreira Gullar pôde dar as cartas no suplemento então lido pela intelectualidade, alguns segmentos médios e a elite da cidade. Ambos, Gullar e Burnett, souberam manejar essa vantagem de distintos modos. Isso, não só ao publicarem ainda mais seus poemas e textos

⁹ Segundo os censos demográficos produzidos pelo IBGE, na faixa populacional entre 15 anos ou mais, no ano de 1940 e o de 1950, o Brasil possuía uma taxa de analfabetismo de, respectivamente, 56,1% e 50,6%. Embora não tenha encontrado dados sobre esse mesmo período referentes ao estado maranhense, é possível entrever muito sobre o mesmo mediante os dados de épocas posteriores. Em 1980, por exemplo, a taxa de pessoas de 15 anos ou mais de idade analfabetas no Maranhão era de 49,67%, quase a média do Brasil em 1950. Ao se observar mais atentamente os dados de 1980, é possível notar que os índices de analfabetismo eram maiores quanto maiores fossem as faixas etárias, o que indica que para as gerações anteriores, que nasceram nas primeiras décadas do século XX, o acesso à educação formal era ainda mais limitado. Em 1980, cerca de 80% das pessoas que tinham 65 anos ou mais eram analfabetas no Maranhão.

¹⁰ Esta última possibilidade foi inspirada na sugestão de Miliband (1999, p. 475), que compatibiliza proposições centrais de Karl Marx e Max Weber, ao postular que o componente de legitimidade no processo de dominação de classes “constitui uma condição essencial do processo de exploração”.

autorais, posicionando-os em espaços amplos e privilegiados no *Suplemento Cultural* do *Diário de São Luís*. Nas páginas escritas e organizadas pelos dois jovens autores foram publicados, por exemplo, textos com elogios a Gullar e trechos de elogios dedicados a ele que figuraram em outros veículos. Assim como foram reproduzidas cartas pessoais endereçadas ao próprio Gullar e com elogios a este, que ele recebia de expoentes da cidade ou de fora dela. Publicizar esses textos, trechos e cartas era uma forma de agenciar um discurso sobre si mesmo e sua poesia, marcar e remarcar o seu nome, organizar a sua própria fortuna crítica, que contribuía para legitimar o poeta e sua obra na cena local.¹¹

Um desses exemplos foi um trecho¹², sem especificação da procedência, provavelmente publicado em um jornal do Piauí. Nele, Celso Pinheiro, então membro da *Academia Piauiense de Letras*, salientou que

Ferreira Gullar apareceu no cenário das letras, como um verdadeiro poeta. O jovem iluminado que teve a ousadia de erguer-se “Um pouco acima do chão”, para os grandes deslumbramentos da arte e da beleza, é mais **um milagre dessa misteriosa Atenas Brasileira**, tão fértil em surpresas encantadoras.

O fato de Ferreira Gullar publicizar em profusão trechos como esse deve ser compreendido em sintonia com a forma como operavam as relações e relacionamentos nesse mundo social particular, no qual a afetividade e o interesse mesclavam-se em proporções bastante próximas. Por tudo o que foi levantado até aqui mediante diferentes fontes, é seguro afirmar que a reprodução desses elogios não era contestada pelo fato de serem endereçados aos jovens que dirigiam a própria seção do jornal, sendo preciso identificar a conjunção que a legível personalidade e o exercício de uma atividade profissional com baixo grau de institucionalização assumiam unidas nesse contexto intelectual preciso. Entretanto, embora não fosse algo incomum, o fato de Ferreira Gullar abusar desse recurso, ao que consta até mais que os outros autores locais, é explicado por ele praticamente não possuir outros meios que não o jornal para se fazer ver, tornar a sua produção e seu nome públicos, adquirir o mais amplo reconhecimento possível. Somente nessas chaves, da naturalização de práticas como essa e da circunstancial ausência de capitais prévios, é possível apreender o sentido desse uso intensivo (para não dizer exagerado) do jornal no contexto de origem em que o jovem Ferreira Gullar estava inserido.

¹¹ Essas cartas, textos e trechos podem ser verificados nas edições dos dias 26/06/1949, 07/07/1949, 31/07/1949, 04/08/1949, 13/08/1949, 20/08/1949 e 02/09/1949, no *Suplemento Cultural* do *Diário de São Luís*.

¹² Opinião sobre Ferreira Gullar. **Diário de São Luiz**, São Luís/MA. 20 ago. 1949. Suplemento Cultural, ano V, p. 07, grifos meus. Disponível mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

Isso posto, o centro cultural, a rádio e o jornal funcionavam como plataformas ideológicas e sustentáculos de pressão política da oligarquia vitorinista nessa época.

O regresso da *Atenas brasileira*

Nesse contexto sócio-político e intelectual preciso, o mito com maior eficácia e penetração social passava a ser o de que a cidade de São Luís era a *Atenas Brasileira*. Esta expressão voltava a ser recuperada como categoria social e política pelos membros do *Centro Cultural Gonçalves Dias*, reaparecendo em especial do meado dos anos 1940 em diante.¹³ Conforme destaca Barros (2006), este mito era então reatualizado, e para entender a sua (re)emergência nesse período é preciso compreender os desfechos que ocorriam no cenário político, definido em dois momentos: o primeiro, de 1936 a 1945, quando Paulo Ramos foi o Interventor nomeado pelo presidente Getúlio Vargas, marcando presença ao longo do Estado Novo (1937-1945) no Maranhão; e o segundo, do fim dessa época até meados dos anos 1960, quando a oligarquia vitorinista será substituída por outra, a oligarquia Sarney, em 1965 (BARROS, 2006, p. 158-159). Sendo que os artistas e intelectuais da assim denominada Geração de 45, de São Luís, “se levantarão para pintar o Maranhão como decadente, mas pronto para reerguer-se revivendo supostos tempos áureos e prósperos de Atenas” (BARROS, 2006, p. 159).

Com efeito, a expressão *Atenas Brasileira*, assim como parte do seu vocabulário simbólico mitologizante, foram cunhados em fins do século XIX, devido ao costume de envio de jovens pertencentes à elite local para serem educados na Europa e seu ulterior regresso, sendo então a *Atenas Brasileira* um fruto à esta margem do Atlântico “do humanismo coimbrão” (MEIRELES, 1960, p. 222). No entanto, houve oscilações quanto às possibilidades de envio desses jovens, as quais estiveram sempre ancoradas às anormalidades do comércio internacional e ao uso do trabalho escravo, fatores cruciais para que as ricas famílias de fazendeiros e/ou comerciantes do Maranhão pudessem enviá-los da província para a Europa nos seguintes períodos de prosperidade: 1780 a 1820 e 1850 a 1870, o que permitirá o posterior nascimento de dois grupos de literatos: o *Grupo Maranhense* e os *Atenienses* (LICAR, 2007, p. 18). Assim havendo íntima correspondência entre o fim desse fluxo de jovens para a Europa, especialmente para Portugal, e a abolição do uso de mão de obra escrava no Brasil. Fator este que impactou

¹³ Na *Hemeroteca Digital Brasileira* há jornais maranhenses datados a partir de 1920. Desse modo, podemos identificar que a expressão *Atenas Brasileira* não aparece neles nos decênios de 1920 e 1930, ressurgindo somente no jornal *O Imparcial* em 1941, e depois em 16 de maio de 1945, quando passou a ser recuperada pelo mesmo grupo que fundará em 01 de julho de 1945 o *Centro Cultural Gonçalves Dias*.

profundamente na vida social da região, colaborando de modo ativo na duradoura crise financeira da elite latifundiária do Maranhão e da economia do estado, que durou de fins do século XIX às primeiras décadas do XX.

Quanto aos agrupamentos mencionados, é preciso salientar que ambos foram constituídos por nomes expressivos do sistema cultural do país. O *Grupo Maranhense* (1832-1868) foi formado por intelectuais como Gonçalves Dias (1823-1864), Odorico Mendes (1799-1864), Sotero dos Reis (1800-1871), João Lisboa (1812-1863), entre outros. Já o grupo dos *Atenienses* (1868-1894) teve nomes como Aluísio (1857-1913) e Arthur Azevedo (1855-1908), Coelho Neto (1864-1934), Graça Aranha (1868-1931) e Raimundo Corrêa (1859-1911). Após esses períodos, geralmente aclamados pela crítica local como o auge da literatura maranhense, há a fase do *Decadentismo* das letras de São Luís (1894-1932), considerada inferior em termos de produção literária aos dois ciclos anteriores, pois em fins do século XIX os intelectuais do segundo grupo deixaram a capital maranhense (LICAR, 2007).

Isso posto, é preciso frisar que, ora de modo direto ou indireto, a ideia-guia de que São Luís era a *Atenas Brasileira* – que rememora tanto aqueles dois grupos de intelectuais, como um período luminoso no imaginário das famílias que descendiam dos fazendeiros e comerciantes de outrora – irá figurar nas obras dos artistas pertencentes à geração de Lago Burnett e Ferreira Gullar, materializando-se também nos argumentos e práticas da sua comunidade intelectual de identificação. Conforme destaca Botelho (2005), em variadas circunstâncias, os intelectuais podem operar como agentes a princípio de menor envergadura, mas que na verdade são cruciais para darem força vocal e poder de penetração a determinados caracteres simbólicos, conferindo a eles efetividade. Assim, o reconhecimento dos indivíduos que formaram essa teia de identificação em torno da ideia de *Atenas Brasileira* dependia da capacidade de se tornarem porta-vozes/herdeiros da tradição local, recuperando escolas estéticas, acontecimentos, obras e nomes da história de São Luís e do Maranhão, por vezes entrelaçando mito e realidade.

Um caso-evidência disso foi uma homenagem prestada pelo jovem José Ribamar Ferreira (antes de 1949, quando ainda usava o pseudônimo Ribamar Ferreira, depois substituído por Ferreira Gullar no início daquele ano) à memória de Gonçalves Dias, salientada no *Diário de São Luís*.¹⁴

¹⁴ Significativa reunião hoje, no “Artur Azevedo”. *Diário de São Luiz*, São Luís/MA. 14 nov. 1948. Suplemento Cultural, ano IV, p. 34, grifos meus. Disponível mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

Realiza-se, hoje, significativa solenidade no Teatro “Artur Azevedo” às 10 horas, promovida pelo Centro Cultural “Gonçalves Dias”, num culto a memória do seu patrono, cujo aniversário de morte ocorreu a 4 do corrente. O deputado Alcindo Guimarães fará uma palestra sobre “A vida de Gonçalves Dias”, trabalho que vem sendo aguardado com vivo interesse em nossos círculos intelectuais. Haverá números de declamação e canto, com acompanhamento ao piano pelo maestro José Passos. [...] **Canção do Exílio, interpretação de Maria de Lourdes Costa. Declamação pelo poeta Ribamar Ferreira.**

Vale sublinhar que a homenagem foi promovida pelo centro cultural fundado então há três anos, que levava justamente o nome do celebrado poeta maranhense Gonçalves Dias, patrono-personagem-símbolo crucial para a instituição recém-criada, cujos membros postularam e conseguiram convertê-la em baluarte da tradição, um pináculo literário fundado sobre a ideia-guia de que a ilha de São Luís é a *Atenas Brasileira*. Desse modo, as genealogias intelectuais que passavam a operar nas classificações do pensamento local continham nomes do passado, mas que eram ainda estratégicos no cenário literário ludovicense para formarem o capital simbólico¹⁵ do *Centro Cultural Gonçalves Dias*, do mesmo modo como havia ocorrido nas primeiras décadas do século com a *Academia Maranhense de Letras*.¹⁶

Nesse jogo social de reafirmação do passado da literatura maranhense mediante certos rituais, os jovens poetas, jornalistas e romancistas ligados ao centro eram presença ativa e marcante. Assim, mediante as suas ações, o jovem Ferreira Gullar – que se socializou nessa atmosfera e pôde apreender as categorias nativas/cognitivas desse mundo social particular – revelava como reconhecia a elevada rentabilidade simbólica tanto das posições favoráveis à tradição política e literária local, como aos seus cânones. Sendo recuperado e celebrado por Gullar aquele que era então considerado o maior expoente do decadentismo ludovicense, Gonçalves Dias, que tanto nomeava o centro cultural mencionado, como era considerado nessa época o patrono maior da *Academia Maranhense de Letras*. E cuja veneração com frequência atraía às homenagens organizadas por esses dois pináculos da tradição literária local tanto o governador do estado, Sebastião Archer, como os membros do seu secretariado. A rotina dessas visitas, as ações desse grupo, assim como os investimentos e solenidades, que serão descritas nas

¹⁵ As diferentes espécies de capital aqui citadas, assim como a noção de espaço social, derivam da obra de Bourdieu (1989, 2005). Algumas vezes, também utilizo o termo capital simbólico e suas derivações. Para o autor francês, o capital simbólico é “um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento” (BOURDIEU, 2005, p. 150). Neste artigo, limito-me a operacionalizar sumariamente parte dos instrumentos desse autor para a análise do caso de Ferreira Gullar. Para aprofundar essa discussão, ver Bourdieu (1989, 2005).

¹⁶ Sobre a *Academia Maranhense de Letras*, ver Licar (2007).

próximas páginas, deixam transparecer que os símbolos do decadentismo ludovicense não eram vistos pelos membros da oligarquia vitorinista como aspectos secundários, mas sim centrais. Entre outras coisas, eles constituíam um instrumento de poder na mobilização do apoio político.

Além dos fatos observados, pode-se ver de modo mais legível os laços que marcavam as relações entre os intelectuais e artistas de São Luís e o grupo político nucleado por Victorino Freire a partir dos jornais da época e das edições originais das obras então publicadas. Sendo que ambas as fontes apontam para o apoio dado pelo então governador Sebastião Archer a instituições como a *Academia Maranhense de Letras* e o *Centro Cultural Gonçalves Dias*. No caso da *Academia Maranhense de Letras*, vale salientar que, como demonstra Licar (2007, p. 82), no governo de Sebastião Archer, mais precisamente via Lei nº 320 de 03/02/1949, a instituição recebeu como doação do estado maranhense um prédio que antes abrigou por duas vezes a Biblioteca Pública do Maranhão, que passou a ser sua sede.

Já no caso do *Centro Cultural Gonçalves Dias*, pode-se observar como, mediante decisão do seu “Presidente perpétuo” (como Nascimento Moraes Filho era positivamente chamado no suplemento escrito por Ferreira Gullar e Lago Burnett nessa época), edições de livros dos membros da instituição eram publicadas através das cotas destinadas à ela pelo governo, sendo impressas via Imprensa Oficial. Esses foram os casos de *Estrela do Céu Perdido* (1949), de Lago Burnett, *Esquina de Sonhos*, do então já falecido Nelson Borges (1949), e de *Canto da Hora Presente* (1950), obra do próprio presidente do centro cultural. Ao se levar em conta os dados editoriais do primeiro livro publicado por Ferreira Gullar, pode-se afirmar que *Um pouco acima do chão*, obra que abriga parte das faturas poéticas produzidas por ele entre 1947 e 1949, também foi publicada como “Edição do Centro Cultural Gonçalves Dias”, fato diverso do que o autor relatou posteriormente de forma concisa em sua autobiografia. Nesta, o escritor afirmou que, nessa época, tornou-se locutor da *Rádio Timbira*, “o que me possibilitou juntar algum dinheiro para, com ajuda das economias de minha mãe, publicar meu primeiro livro de poemas: *Um pouco acima do chão* (1949)” (GULLAR, 2015, p. 21).

Quanto ao título de *Um pouco acima do chão*, é preciso notar como um dos sentidos que ele condensa expressa o sistema de classificação e oposições do movimento político, intelectual e artístico de recuperação do passado observado em São Luís. Marcha em que se sobressaiam as oposições entre decadência e prosperidade, queda e ascensão, o duro rés do chão do presente, com solo e profundas raízes locais, e o suposto ressurgir

da supremacia espiritual da *Atenas Brasileira*, a alçar seu voo áureo através da jovem geração que principiava. Oposições classificatórias que entrelaçavam mito e realidade, só fazendo sentido em termos relacionais, no jogo contrastivo e compensatório das identidades culturais, em que a identidade maranhense se justapunha à Nação e à caracterologia da identidade nacional. Nesta mesma senda, vale a pena notar que quando se consolida a gradual troca promovida pelo modernismo, que deixa os ideais do classicismo em direção à cultura nacional e à cultura popular, os artistas e intelectuais de São Luís dão vida a um movimento contrastivamente oposto. Assim, ora eles enveredam pelo parnasianismo e pelos temas clássicos, banalizando a ideia-guia de que São Luís é a *Atenas Brasileira*; ora pelo romantismo, então visto como um anacronismo pelas gerações modernistas.

Nessa direção, é possível acrescentar que, embora haja uma certa inclinação ao modernismo em 8 das 53 faturas de *Um pouco acima do chão* (uma aproximação muito marcada pelas categorias de percepção que o jovem poeta possuía nesse momento), as tendências que mais irão impregnar essa primeira obra de Gullar serão inspiradas no romantismo, em uma chave que lembrará por vezes as faturas de Gonçalves Dias.¹⁷ Nesse período, as condições intelectuais e institucionais fundamentais para a emergência de uma arte literária plenamente em sintonia com o modernismo estavam ausentes no mundo social ludovicense. Isso, tanto pela afluência de intelectuais maranhenses que se estabeleceram no Rio de Janeiro durante o Estado Novo (1937-1945), os quais se integraram ao movimento estético-político do modernismo, assimilando-o em seu estoque partilhado de valores e referências, e que não se dispuseram a regressar com o tempo para São Luís, ficando no máximo por curtos períodos na cidade; como por força das estratégias de cooptação mobilizadas pela oligarquia vitorinista nessa época.

Em contrapartida à recuperação de símbolos tradicionais da arte, da literatura e/ou da história maranhense, não poucos foram os intelectuais e artistas locais que acessaram determinadas oportunidades, materializadas em empregos em instituições privadas e públicas de São Luís¹⁸. Essas instituições eram controladas por aquela oligarquia,

¹⁷ Algumas dessas características são os excessos sentimentais, o egocentrismo, um tom depressivo, a fuga da realidade, o aparecimento de símbolos, formas e composições oriundas da Idade Média, como trovas, cantigas, sonetos e o uso do verso alexandrino (que tem origem no século XII), entre outras coisas. Traços do romantismo são visíveis em todos os poemas da obra, embora esta não se esgote neles, havendo mesclas entre elementos de diferentes escolas estéticas mesmo no interior de algumas faturas.

¹⁸ Para aprofundar essa discussão, ver Silva (2013), que levanta um conjunto de 37 agentes que ingressaram na carreira literária entre os anos de 1945 a 1964 no Maranhão, sendo que parte expressiva deles teve

havendo também outras formas de proteção ou contrapartidas, como no caso da edição dos livros mencionados; o que revela como a vida e a obra de Gullar eram paradigmáticas nesse cenário. Tais oportunidades fortaleciam os laços de reciprocidade estabelecidos entre a elite e os artistas e intelectuais locais, funcionando como alternativas de acomodação institucional para os últimos. Acomodação que era redobrada pela gravidade local, seja mediante os frustrados experimentos proporcionados por uma vida cultural frouxamente institucionalizada, seja pelas pressões típicas de um mundo social em que as chances de vida ainda dependiam enormemente dos relacionamentos pessoais estabelecidos entre indivíduos com recursos e posições tão desiguais.

Com efeito, a maior parte das referências, temas, símbolos e escolhas formais vistas em *Um pouco acima do chão* remetem aos interesses da elite dominante ludovicense. O que é evidenciado tanto pela afinidade entre tais elementos e os interesses dessa elite, como pelo desaparecimento desses mesmos elementos nas produções do autor com o cessar das relações entre Ferreira Gullar e os membros do grupo que constituía a oligarquia vitorinista, o que é visto ao se estabelecer a cronologia da sua produção.¹⁹

Para fechar essa discussão, vale a pena flagrar a presença do jovem Ferreira Gullar em algumas das festas e solenidades promovidas pela *Academia Maranhense de Letras*, em que se reuniam políticos e empresários, tal como artistas e intelectuais, assim como outros setores da sociedade, como a imprensa, a força policial, o arcebispado, e que eram transmitidas ao vivo para a população pela *Rádio Timbira*, que geralmente eram narradas nos turnos do locutor Afonso Henrique. Nesses momentos, também é possível visualizar a rede de interdependência que envolvia os intelectuais e a elite em questão, dois grupos

produções financiadas pelo estado e, de acordo com seus repertórios biográficos, 28 desses agentes ocuparam cargos de alto, médio ou baixo escalão no serviço público.

¹⁹ Apesar dos elementos mencionados, nas faturas finais de *Um pouco acima do chão*, Gullar irá expressar uma dissidência sutil, ainda que manejando a forma convencional dos outros poemas, algo que se expressará com mais intensidade nas suas ações posteriores, como veremos a seguir. No cenário ludovicense, ele sequer se aproximará de uma posição correspondente à imagem que tinha do jovem intelectual moderno, mas, ao fim do seu primeiro livro, Gullar irá se colocar como um artista mais autônomo, isso num contexto de baixa autonomia e liberdade das funções que ocupava. O que expressa a tentativa de reparação de necessidades insatisfeitas e reforça o valor de uma fonte como essa para documentar a intensidade de uma experiência humana e histórica mais ampla, como argumenta Williams (2003, p. 75), sendo essa tensão entre a reprodução dos símbolos do jogo de dominação local e a liberdade do poeta um dos processos profundos de composição de *Um pouco acima do chão*. Com efeito, é fundamental perceber a atuação do jovem autor nesse momento menos como uma questão do que “ele realmente pensava”, ou em função da sua bondade ou maldade relativas, mas como uma questão de interdependência. Sendo bem provável que ao participar das práticas e veículos mencionados, ele, nas circunstâncias em que estava, se esforçasse para expressar as ideias dominantes, suprimindo reações que se desviassem disso. O que, evidentemente, não diminui a sua função na dinâmica de capilarização de interesses e de banalização de certos símbolos mencionada.

de indivíduos que se entrecruzavam, cujas ações conferiam sentido umas às outras, realçando a função de uns e outros nessa configuração de aliados.²⁰ Ao analisar ocasiões como essas, dos decênios de 1940 e 1950, Barros (2006) sublinha como o mito da *Atenas Brasileira* estava sempre no centro do palco, sendo “relembrado, reiterado, reatualizado”, e ocorria “uma alucinação simbólica: transplantava-se uma gritante sociedade maranhense decadente e (re)inaugurava-se uma sociedade maranhense em insofismável prosperidade” (BARROS, 2006, p. 176).

Dessa forma, ao participar de festas e solenidades como as descritas, o jovem Ferreira Gullar contribuía para renovar o vocabulário simbólico dessas formas rituais, cuja estrutura sempre demanda a utilização de um léxico e expressões – e, por que não dizer, por vezes, de versos – compatíveis com elas. Em ocasiões como essas e em muitas outras, as ideias e os ideais do decadentismo ludovicense introduziam-se na vida cotidiana. Assim, nessa época, seja nas performances literárias em que declamava *Canção do exílio*, no palco do Teatro Arthur Azevedo, em solenidades promovidas pelo *Centro Cultural Gonçalves Dias*, seja ao publicar ou declamar seus próprios versos em uma chave romântica como foram os de Gonçalves Dias, ou nas publicações que produziu ou escolheu para o jornal dirigido pelo senador Victorino Freire (nas quais o jovem veio a publicizar a si mesmo como “mais um milagre dessa Atenas Brasileira”), ou mesmo em festas como as descritas há pouco, e até quando as estava narrando e transmitindo para a população maranhense como o locutor Afonso Henrique pela *Rádio Timbira*, pode-se esquadrihar as fronteiras simbólicas que demarcavam o seu lugar nesse mundo social particular. Mediante o comportamento e a produção de Gullar é possível ver como ele preenchia uma função para as autoridades envolvidas, e isso em diferentes espaços da vida social. Sendo possível flagrá-lo como um servidor do poderoso grupo mencionado, ao qual dedicava a sua colaboração. Uma função que atravessava diferentes esferas da existência do poeta-locutor-jornalista Ferreira Gullar.

Ademais, além de colaborar para justificar a perpetuação dos mesmos grupos e famílias no poder, lustrando seus feitos ora de forma evidente, ora mais sutil, a evocação do passado oficial, tão cantado, pintado, declamado e reescrito, vinha acompanhada de

²⁰ Os termos “rede de interdependência” e “configuração de aliados” derivam da obra de Elias (1999). Após reconstruir as relações concretas estabelecidas por Gullar, restituindo as redes a que ele se vinculou nesse período, optei por utilizar o referencial do autor para traçar o funcionamento dessas configurações sociais, de modo a flagrar as recíprocas dependências que se entrelaçavam no interior dessas configurações. Em síntese, para Elias, as dependências humanas se cruzam de forma a constituir interdependências sociais, estas que estão situadas no centro da teoria sociológica para o sociólogo de Breslau.

uma outra função. Ao lustrar o passado – real ou imaginado – no presente, os intelectuais contribuíam para renovar os símbolos de distinção dessa mesma elite. Símbolos que o relativo declínio em relação a outros tempos e gerações, assim como a lenta massificação em curso na sociedade, colaboravam para desgastar.

Ao se verificar a estabilidade no poder da elite local e o modo como os artistas e intelectuais atendiam às suas demandas, tanto mediante os símbolos em suas produções como ao capilarizar os interesses daquela nas instituições e veículos da cidade, seria possível vislumbrar um projeto de longo curso para o jovem Ferreira Gullar em São Luís. Porém, uma escolha, um dia, gerou um outro desenlace no seu destino social.

A ruptura com a oligarquia vitorinista

Em 1950, quando o jovem Ferreira Gullar acumulava as incumbências descritas, na *Rádio Timbira*, no *Centro Cultural Gonçalves Dias* e no *Diário de São Luís* – que, mesmo de formas distintas, assumiam a função comum de dar esteio à elite estabelecida –, o clima social do país era marcado pelas elevadas temperaturas na disputa entre duas forças políticas nacionais. Elas eram personificadas nas candidaturas à presidência da república do ex-presidente Getúlio Vargas e do brigadeiro Eduardo Gomes. Sendo que o último, então candidato pela UDN, monopolizava o apoio do grupo político que estava à testa do executivo no Maranhão.

Assim como outros veículos que pertenciam a Assis Chateaubriand, durante a segunda metade dos anos 1940, a *Rádio Timbira* passou a fazer oposição a Getúlio Vargas.²¹ O que consolidou também a posição do principal grupo político do estado, naquele momento em plena sintonia com Chateaubriand. Como dito, este seria eleito senador em 1955 pelo estado maranhense com o apoio desse grupo, que tinha Victorino Freire como o seu maior expoente.

Um evento sintomático do clima radical de 1950 foi um comício marcado em favor de Getúlio Vargas, com a presença de Ademar de Barros (1901-1969), então governador do estado de São Paulo. Sebastião Archer, nessa época governador do Maranhão, obstaculizou a realização do comício na praça João Lisboa, em São Luís, fechando-a com tropas policiais e determinando a realização do evento em outro ponto da cidade. Após o fim do comício, a população presente começou a acompanhar Ademar de Barros pelas ruas de São Luís, passando pelas cercanias da praça João Lisboa e a

²¹ Sobre a mudança de posição de Assis Chateaubriand em relação a Getúlio Vargas, ver o artigo de Grisolio (2015), que tematiza essa mudança a partir da análise da revista *O Cruzeiro*.

atravessando. Este episódio gerou um confronto entre a polícia e os manifestantes, que resultou no assassinato de um operário. Morte que foi testemunhada por Ferreira Gullar.

No dia seguinte, em 04 de agosto de 1950, na *Rádio Timbira*, havia uma nota do governador Sebastião Archer. Este afirmava que, na noite anterior, o operário havia sido assassinado pelos comunistas. Como relata quatro dias depois tão só um jornal da época, *O Combate*, de oposição ao grupo político hegemônico naquele momento, inconformado com a nota, Gullar negou-se a ler a mesma, pedindo demissão da rádio logo em seguida. Em *O Combate*²², ele desabafou que

não me conformei em servir, indiretamente embora, de instrumento de divulgação às vergonhosas desculpas com que o Governo do Estado procura disfarçar a matança, por mim assistida, naquela trágica noite do dia 3 de agosto. E' uma questão, apenas, de ordem puramente interior que a minha honestidade e dever de moço esclarecido me impõem. Tudo mais será consequência. **Está portanto bem clara a minha decisão em, a partir de hoje, cerrar fileira ao lado dos muitos maranhenses de brio que há mais tempo vêm lutando por essa causa a que agora me entrego, com toda a sinceridade de minha consciência.**

Nesse momento, as relações sociais vividas diretamente por Ferreira Gullar tornavam evidentes a sua e as demais posições envolvidas, movendo-o para a ação. A vivência de um conflito de classes muito mais amplo e estrutural colaborou ativamente para mudar a sua visão de mundo, transformando o cenário da sua vida em São Luís. A experiência de ver o assassinato do operário com os próprios olhos fez o seu interesse de classe vir à tona, aproximando-o de outros setores mais ligados à causa trabalhista na cidade, o que – considerando as suas circunstâncias em relação à oligarquia vitorinista até então – era uma forma de radicalização da sua orientação política.

Em um tempo em que a ambiguidade entre literatura e vida política era intensa, a atitude de Ferreira Gullar lhe custou caro. Ao que tudo indica, o seu pedido de demissão e o testemunho que fez questão de dar acerca do ocorrido corresponderam ao seu afastamento tanto do *Diário de São Luiz* como do *Centro Cultural Gonçalves Dias*. Seu próprio relato para *O Combate* sublinha a sua nova posição no cenário local, pois essa plataforma era alinhada ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), agremiação fundada por Getúlio Vargas em 1945 e pela qual ele seria eleito em 1950. Devido a isso, *O Combate* era um jornal inclinado à candidatura de Vargas e voltado aos trabalhadores urbanos que constituíam tanto a principal base política de resistência à oligarquia vitorinista como a principal base de apoio do PTB, partido que tinha como seu presidente o então deputado

²² Ferreira Gullar revolta-se. *O Combate*, São Luís/MA. 08 ago. 1950. Ano XXVI, n. 5.182, reportagem de capa, grifos meus. Disponível mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

federal, e antes interventor do Maranhão durante o Estado Novo, Paulo Ramos. Sendo uma plataforma com a qual o jovem escritor jamais havia se envolvido antes. Isso porque havia fronteiras legíveis entre os veículos: o acesso a um jornal como o *Diário de São Luiz* estava interdito para quem trabalhasse em *O Combate* e vice-versa, em vista do vínculo com determinado grupo ou locus social.²³

Ferreira Gullar havia experimentado os benefícios do quase monopólio exercido pela elite local sobre diferentes espaços. Pouco depois, ele testemunhava a contraimagem desse processo: o insulamento em uma cidade periférica, que carecia muito de outras oportunidades. O caso de Gullar revelava como a esfera cultural de São Luís estava intimamente imbricada à esfera política, assinalando com vivos traços o baixíssimo grau de autonomia das funções que ele ocupava. Pendia a favor da elite hegemônica um perene desequilíbrio na balança do poder. Assim, a interdependência descrita poderia ser vivida como uma faca de dois gumes pelos intelectuais e artistas: ora ampliando as possibilidades desses indivíduos, ora ceifando-as. Sendo interessante notar como a nova postura adotada por Gullar aproximava-o também da postura típica do modelo do intelectual moderno, acessada a partir dos livros que ele lera e lia nesse período, que, como sublinha Said (2005), volta-se contra as recompensas da acomodação, do conformismo e da adaptação, “afastando-se sempre das autoridades centralizadoras em direção às margens, onde se podem ver as coisas que normalmente estão perdidas em mentes que nunca viajaram para além do convencional e do confortável” (SAID, 2005, p. 70).

Desse modo, as reações às pressões da sociedade sentidas por Ferreira Gullar mediante as traduções das obras de autores como Lord Byron (1788-1824), John Keats (1795-1821) e Shelley (1792-1822) – cujos nomes se materializaram diretamente nos versos românticos de Gullar nesta época –, passavam cada vez mais a fazer sentido nesse momento devido a sua própria experiência social. Embora no caso específico da luta travada por Gullar tal atitude intelectual e política não viesse à tona desacompanhada de certas contradições que – para muito além de meras confusões pessoais ou da inexperiência política de Gullar e do seu grupo familiar de origem – expressavam

²³ Este fato é corroborado também pela candidatura de Lago Burnett, amigo e poeta com o qual Gullar organizou o *Suplemento Cultural*, que se elegeu vereador em São Luís em 1950. Burnett foi candidato pelo Partido de Representação Popular (PRP), sigla fundada em 1945 pelo integralista Plínio Salgado (1895-1975), sendo naquele momento um partido alinhado com o grupo vitorinista. Dado que acentua ainda mais a ambiguidade entre a vida literária e a política no mundo social ludovicense.

mecanismos sociais estruturalmente contraditórios, estes que eram intrínsecos à vida social local.

Em circunstâncias como as descritas e em outras semelhantes, devido a novas necessidades, constrangimentos ou demandas variadas, por vezes a periferia é também um palco interessante para se ver a criatividade individual e coletiva, as quais podem emergir em companhia das contradições mencionadas. Quando há um saber ou um patrimônio em jogo, e é preciso reinseri-lo em certas condições de produção. Isso, mesmo (e, em muitos casos, especialmente) em uma região com desenvolvimento ainda lento do mercado, em que o desempenho individual depende enormemente do feixe de relações pessoais que um indivíduo é capaz de reunir, o que era um dos traços fundamentais do contexto de origem no qual se inscrevia a trajetória em questão. Nesse cenário, as relações pessoais eram cruciais, e poderiam ser tecidas por origem social, ou, na falta desta, por um trânsito dedicado não só pelos cenáculos literários, mas também pelos cenáculos políticos.

Isso posto, a oportunidade que restou ao jovem Ferreira Gullar foi um trabalho temporário pelo interior do Maranhão, na campanha do grupo que lançava a candidatura do político-empresário Saturnino Belo (1890-1951) ao governo do estado. Belo, que governou o Maranhão entre 1946 e 1947, lançava-se em um novo projeto de governo após romper alianças com Victorino Freire. Embora haja poucos dados sobre essa experiência, é possível afirmar que Ferreira Gullar se inseria na campanha como um cabo-eleitoral, sendo contratado por desfrutar de algum prestígio para mediar os interesses do chefe-político, ao arregimentar votos junto às comunidades. Visto que até bem pouco tempo ele era conhecido como o locutor Afonso Henrique, uma voz importante da rádio com maior penetração no estado maranhense.

Apesar de originada na sua oposição à chapa apoiada pela oligarquia vitorinista, essa nova função de Gullar provavelmente se aproximava da dinâmica do seu papel junto àquele grupo, ao se considerar o modo como operavam as relações nas campanhas no interior do estado (muito marcadas por clientelismos e até mandonismos) e o perfil social de Saturnino Belo – muito próximo de Sebastião Archer e Victorino Freire –, sendo ele sócio da Francisco Aguiar & Cia, uma empresa de grande porte de São Luís, voltada à exportação de couro. Um chefe-político ligado de longa data à política maranhense, ex-deputado e ex-governador, inclinado à manutenção de interesses tradicionais. Assim, essa participação de Gullar na cena local expressa um estado vacilante, de incerteza e ambivalência de escolhas, que deve ser compreendido à luz da atmosfera ludovicense e

de um momento preciso da sua trajetória, no qual as suas reações sociais fundamentais estavam se formando, em que ele não poderia ter certeza de que se consolidaria como um hóspede perpétuo da sua cidade de origem ou se realizaria o desejo típico do intelectual moderno, já expresso em parte das suas ações e em algumas faturas poéticas, de deixar a capital maranhense.²⁴

Em meio a um processo bastante turbulento, Belo venceria a eleição, mas faleceria repentinamente em 16 de janeiro de 1951, antes da sua posse. Após vários acontecimentos, Eugênio Barros (1898-1988), que com Renato Archer, filho do governador anterior, formou a chapa da legenda derrotada nas eleições, do Partido Social Trabalhista (PST), nessa ocasião apoiada por Victorino Freire, seria então o novo governador.

A despeito de o intelectual jamais ter comentado em pormenor os tumultuados episódios da eleição, não é difícil imaginar como o surpreendente desfecho final que resultou na posse de Eugênio Barros e do filho de Sebastião Archer foi um fator relevante – embora não o único – para se compreender a sua saída de São Luís. Pela segunda vez, em cerca de meio ano, ele testemunhava a duras penas o enorme poder do grupo que tinha no político-empresário-jornalista Victorino Freire seu mais emblemático representante. Da perspectiva do antes poeta-locutor-jornalista, depois cabo-eleitoral e agora tão só poeta Ferreira Gullar, o acanhado horizonte de ostracismo vivenciado na ilha pendia a se conservar.

Sendo interessante assinalar como a situação em que Gullar se encontrava e o movimento que fazia o aproximavam de outros intelectuais e escritores da história de São Luís e do Maranhão, como Manoel Odorico Mendes (1799-1864) e o próprio Gonçalves Dias, este sempre tão aclamado pela oligarquia vitorinista. Conforme destaca Licar (2007, p. 61), se o primeiro, antes de sair de São Luís, denunciou com seus próprios termos práticas políticas autoritárias e mandonistas que cerceavam a liberdade de expressão, o segundo também resolveu partir para o Rio de Janeiro, então a capital do Império, ao

²⁴ Em vista do espaço e dos objetivos desse texto, não foram recuperadas algumas relações que Gullar irá buscar tecer com outros intelectuais de fora do Maranhão. Em meio a um processo de críticas da parte deles sobre o seu primeiro livro, ele buscará aprender e se inclinará mais a uma poesia em sintonia com o modernismo. Cerca de um mês antes do assassinato do operário, Gullar havia vencido um concurso no Rio de Janeiro no expressivo *Jornal de Letras*, que teve como júri o experiente poeta recifense Manuel Bandeira (1886-1968), o crítico literário ludovicense Odylo Costa Filho (1914-1979) e o intelectual recifense Willy Lewin (1908-1971). Em um momento de valorização de um elo de fraternidade do Nordeste, tais intelectuais, oriundos da região e radicados no principal centro cultural do país, serão insistentemente visados pelo jovem autor. Sendo interessante flagrar a ruptura com a oligarquia vitorinista também pelo ângulo dos trunfos que ele havia auferido, que o fortaleceram para tal, muito embora o principal fator a motivar a ruptura tenha sido o homicídio do operário, sentido tão pessoal e intensamente por ele.

sentir cerceada a sua liberdade de expressão pelas facções políticas daquele momento. Odorico transferiu-se em 1834 e Gonçalves Dias em 1846.

Apesar do espaço de mais de um século entre as escolhas de Ferreira Gullar e as dos autores em menção, esses fatos evidenciam a manutenção de práticas tradicionais autoritárias no mundo social local. Mesmo com a chegada dos meios de comunicação modernos na cidade, o uso instrumental deles para moldar a opinião pública e não como instâncias de diálogo, tal como a falta de apreço pela liberdade de pensamento e de expressão, despersionam como havia muito passado no presente vivenciado pelo jovem intelectual.

Os intrincados nexos entre relações autoritárias, uma dinâmica de oposição e o acesso a vantagens decisivas: o caso de ferreira gullar

A última colaboração de Ferreira Gullar em São Luís, durante as eleições de 1950, lhe permitiu acumular algum dinheiro, que depois foi fundamental para a sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, em 1951. Essa remuneração, e principalmente a rede de contatos que ele pôde tecer com alguns artistas do Maranhão, então estabelecidos no Rio de Janeiro, foram acionados pouco antes e imediatamente à sua chegada, permitindo a ele se fixar na cidade.

Para se pensar nesse estabelecimento é impossível ignorar os esforços demonstrados pelo jovem autor nessa época. Todavia, os trunfos necessários para se habilitar, mesmo sendo tão jovem, a ocupar um lugar no cenário cultural carioca, seja como jornalista ou poeta, são impensáveis sem o prévio jogo de alianças e disputas na cena política de São Luís. E os recursos que ele pôde acessar e agenciar em meio à essa trama social.

Nessa direção, algumas sugestões pontuais de Pierre Bourdieu podem ser fecundas para explicar a primeira curva mais acentuada na trajetória de Gullar, relativa à sua mudança de São Luís para o Rio de Janeiro. Para Bourdieu (1989, p. 17), o conceito de trajetória opera como uma descrição de um deslocamento no espaço social, no qual as posições ocupadas por um determinado indivíduo a cada momento se relacionam à competição pela apropriação de certos capitais, ou seja, ao acesso e acúmulo de recursos sociais escassos, que funcionam como princípios de diferenciação social e vantagens decisivas. Assim, o espaço social é uma estrutura de distribuição de diferentes tipos de capital, uma estrutura de diferenças, sendo as posições ocupadas por um certo indivíduo

nesse espaço, as chamadas curvas, movimentos ou inflexões de uma trajetória, resultantes do acesso, acúmulo e reconversão desses capitais.

Essas sugestões são interessantes para se pensar os capitais acessados por Gullar mediante o seu trabalho em determinadas funções, estas que eram relevantes para que a oligarquia vitorinista pudesse gerir certos espaços da vida social que iam se caracterizando em meio a uma sociedade ainda em formação. A posição ocupada por Ferreira Gullar nos três anos finais em que esteve em São Luís, mais especificamente o conjunto de recursos decorrentes dessa posição e os aprendizados que ele teve, foram potencializados, rendendo-lhe novas oportunidades no Rio de Janeiro.

Por um lado, a relação do jovem Ferreira Gullar com a oligarquia vitorinista lhe outorgou um capital como o ofício de jornalista, o aprendizado e a experiência adquirida ao escrever e organizar a seção cultural de um jornal, que foi imediatamente revalorizada no Rio de Janeiro. Analogamente, o jornal, a mesma mencionada plataforma ideológica e sustentáculo de pressão política da elite local, foi a principal plataforma a lhe outorgar algum nome e relações sem as quais dificilmente o projeto de inserção na então Capital Federal seria bem-sucedido.

Além disso, graças à atividade exercida junto à elite em questão, ele publicou diversas produções autorais como faturas poéticas no *Diário de São Luiz* e também seu primeiro livro de poesia, *Um pouco acima do chão*. Sendo o último publicado com o auxílio do *Centro Cultural Gonçalves Dias*, instituição que recebia então apoio da oligarquia vitorinista. Estímulos que permitiram que ele perseverasse no aprendizado do ofício de jornalista e de poeta. Juntamente a isso, ao tecer relações com outros intelectuais de fora do Maranhão, Gullar buscava construir uma alternativa ao cenário ludovicense. Seria muito difícil imaginar um diálogo exitoso com esses intelectuais caso ele não viesse a ocupar nenhuma das funções descritas e nem vivenciasse os aprendizados oriundos delas. Nessa época, o aprendizado em um centro cultural e, especialmente, em uma rádio ou em uma redação de um jornal funcionava até mesmo como um contraponto à ausência de um ensino universitário estruturado.

Como enfatiza Sorá (2010, p. 192), textos de crítica literária e de opinião política publicados em algum órgão do império jornalístico de Chateaubriand nessa época passavam automaticamente a circular em jornais de todo o país, dado o caráter monopolista exercido pelo grupo desse empresário. Além disso, a atividade jornalística exercida por diversos escritores – que estavam espalhados pelo Brasil, mas também conectados entre si através dessa cadeia – “permitia intervir na consolidação de redes de

relações, na divulgação dos pares, e na formação de um círculo de consagração mútua” (SORÁ, 2010, p. 191). Sendo que até mesmo edições de obras de autores consagrados poderiam ser pedidas por alguém como o jovem Ferreira Gullar para que ele as comentasse na *Rádio Timbira* ou as apreciasse no jornal dirigido pelo senador Victorino Freire.

Dessa maneira, a posição de Gullar junto à cadeia dos *Diários Associados* de Chateaubriand possibilitava uma rotina de leituras de novas publicações escritas por importantes autores da época, sobremaneira os situados nos principais centros, e, dentre outras coisas, forjar teias de relacionamentos. Uma experiência extremamente relevante, que fazia com que ele pudesse se relacionar com certas pessoas, além de escrever, se atualizar, (in)formar e aprender; cuja importância é redobrada ao considerarmos a posição social do jovem em questão e as condições materiais e sociais específicas dessa época. Assim, em meio à essa dinâmica, ele era mudado, mas também se comunicava, era atuante e mudava, aproveitando oportunidades técnicas e sociais.

Por outro lado, após isso, a atividade para o grupo político rival ao que gravitava em torno de Victorino Freire foi crucial para que Gullar pudesse auferir o capital econômico necessário para viajar ao principal centro de produção cultural do país, projetando lá permanecer com alguma segurança, até adquirir um novo emprego ligado à sua esfera de atuação. Ademais, as sucessivas derrotas vividas no carteadado vertical jogado contra o grupo que antes lhe dava esteio o motivaram a deixar a ilha, constringendo-o a se articular para reconverter os recursos acumulados como um servidor multifuncional – ou curinga – da elite dominante. Dessa maneira, a seu modo, Gullar buscou reinserir essas vantagens em um novo contexto, qual seja o das novas condições encontradas no Rio de Janeiro e antes mesmo de pisar pela primeira vez na cidade.

Com efeito, o seu deslocamento geográfico bem-sucedido correspondia a um relativo deslocamento no espaço social oriundo desses recursos, o que é especialmente notado ao se contrastar essa primeira curva em sua trajetória à situação do seu grupo familiar de origem. Tais fatos sublinham como a relação entre Ferreira Gullar e a elite local, se tomada apenas em termos de oposição e ruptura, sem se considerar os compromissos mútuos que marcaram essa relação, assim como os silêncios e as contradições envolvidas, está longe de expressar a realidade contemplada. Intelectuais como Gullar dependiam da elite, tal como das instituições e veículos ligados a ela por diversos motivos, assim como essa elite precisava dos intelectuais, entre outras coisas, para legitimar a sua existência, para selecionar e articular elementos oriundos de

diferentes épocas em sintonia com suas demandas. Dessa forma, essas relações de poder se davam de um modo mais intrincado que um simples esquema antagônico pode sugerir; caso exagerado, um esquema assim pode obscurecer os decisivos capitais em jogo salientados.

Pelo que foi dito, contribuir para capilarizar a dominação de uma elite marcada por interesses tradicionais, assim como trabalhar na legitimação de certos símbolos tradicionais, foram fundamentais para o estabelecimento daquele que em poucos anos passará a ser considerado como um autor inovador, que irá contribuir na mudança do perfil da arte moderna do Brasil. Minimizar isso e maximizar a ruptura dos laços do intelectual com a elite local é tão inverossímil quanto conservar a visão construída pelo artista ao longo do tempo, descrita em sua autobiografia, que destaca o rompimento e minimiza o vínculo com o setor hegemônico ludovicense, ilustrando o mérito pessoal do autor. Pender muito para um lado ou para o outro resultaria em uma visão menos realista sobre a trajetória do intelectual.

Da mesma forma, uma visão mais complexa sobre a periferia é necessária. Vale a pena pensar que caso Gullar nascesse em um centro como o Rio de Janeiro, sendo oriundo do mesmo grupo de origem e sem capitais prévios, dificilmente ele poderia acessar os trunfos que acumulou em tão pouco tempo e tão precocemente em São Luís. Se ele houvesse nascido no principal centro cultural do país nessa mesma época e porventura manifestasse os mesmos desejos, seu destino social provavelmente seria outro, bem menos promissor, dadas as difíceis condições oriundas da inflação de recursos e da frenética concorrência que encontraria, ou, na melhor das hipóteses, com um movimento relativo menor e mais demorado. Desse modo, seu caso evidencia como a periferia, longe da imagem convencional de ser um lugar tão só de atraso, pode ser estratégica não apenas a artistas e intelectuais mais experientes, que em geral regressam à terra de origem ou à uma nova cidade periférica valendo-se dos trunfos conquistados nos centros quando as chances nos últimos diminuem. Mas também pode ser um passo inicial importante e igualmente estratégico para jovens com elevadas aspirações, a depender das circunstâncias.

Assim, malgrado o lugar marginal ocupado pela ilha de São Luís e sua elite na história pessoal do autor maranhense, é possível afirmar que ambas foram imprescindíveis para o desenlace do seu destino social.

Considerações finais

Ao longo do texto houve a exposição dos argumentos que sustentam a afirmação de que Ferreira e outros indivíduos, que então formavam uma rede intelectual de identificação, contribuíram para capilarizar a dominação da elite ludovicense sobre alguns espaços da vida social, tal como contribuíram na banalização de símbolos em sintonia com tais interesses. Assim como foi mostrado como Gullar rompeu relações com parte dessa mesma elite nessa época. Ademais, também foi exposto um dos fatores que permitiram ao jovem Ferreira Gullar se fixar no Rio de Janeiro, então o principal centro político e cultural do Brasil. Devido à ausência de capitais prévios, oriunda da sua origem social, as vantagens decisivas acessadas por Gullar mediante a sua relação com a elite dominante ludovicense foram cruciais para canalizar esse projeto; embora haja também outros fatores que se cruzaram a ele para explicar o seu estabelecimento na então Capital Federal, que serão detalhados na tese em curso.

Os elementos descritos podem ofertar uma compreensão mais exata da trajetória de Gullar, iluminando, por exemplo, como ele se vinculou à roda de intelectuais, críticos, artistas e amigos que orbitava em torno do crítico de arte Mário Pedrosa (1900-1981). Isso porque foi a intelectual maranhense Lucy Teixeira (1922-2007), então estabelecida no Rio de Janeiro, – um dos novos relacionamentos constituídos a partir do acesso àquelas vantagens e aprendizados – quem mediou a entrada de Gullar nesse círculo de intelectuais. Nessa época, essa roda abria uma rota de consagração própria, fora da senda hegemônica de produção cultural consagrada pela tradição modernista.

No início da década de 1950, Gullar pôde conhecer e estreitar laços com Mário Pedrosa, este que esteve entre os comunistas que figuraram como defensores do abstracionismo nas artes visuais e do concretismo, que brotou do movimento abstracionista moderno, no âmbito literário. Sendo difícil compreender a gradual radicalização da visão política de Ferreira Gullar e a sua conversão ao concretismo sem compreender como as ideias de Pedrosa originaram projetos assumidos por Gullar. Desse modo, certas ideias aprendidas com Pedrosa serão adotadas e reelaboradas por Gullar, garantindo ao último armas cognitivas para o projeto de profunda renovação da linguagem artística, que ganhou vida e contornos particulares em sua produção poética. E tais ideias e projetos não estavam dissociados de valores e projetos políticos mais amplos, pois, em um tempo em que a interdependência entre cultura e política era intensa, certas ideias políticas e sociais não podem ser separadas da produção poética de um autor como Gullar.

Com efeito, a crítica estética e política herdada através de Pedrosa serviu para dar legibilidade a questões que eram confusas e vistas como pessoais por Gullar e outros jovens artistas nessa época. Sendo que o livro de poesia *A Luta Corporal* (1954), que abriga parte das faturas feitas pelo jovem poeta no período 1950-1954, incorpora todo um senso de materialidade, um processo físico vívido que passou a ser sentido, vivenciado e recuperado intensamente por Gullar, mediante o qual ele foi trabalhando e retrabalhando a linguagem por sua experiência e, simultaneamente, foi também transformando a si mesmo. Através da capacidade de Pedrosa de incendiar a sua imaginação, esse processo levou Gullar a uma radicalização niilista da sua experiência individual, que ao se esgotar moveu-o a uma visão social. Havendo diversas outras experiências transgressoras e descobertas profundas semelhantes à essa vividas tanto por Ferreira Gullar como por outros artistas dessa mesma roda. E tais experiências e descobertas se aproximam do que Williams (2003) define como revolução cultural, um movimento profundo, avesso à toda versão de cultura e sociedade impostas pelo modo de produção capitalista.

Dito isso, a conversão do jovem autor ao concretismo não veio desacompanhada da reavaliação de algumas experiências, relações e produções da sua vida anterior em São Luís, muitas das quais foram excluídas dos seus testemunhos, da sua autobiografia e das suas antologias. Sendo assim, é crucial recuperar um estado de incerteza e ambivalência de escolhas, que foi aqui sucintamente exposto, sem o qual o seu destino social seria outro, possivelmente muito diverso do que conhecemos.

Dessa maneira, a expectativa é que os elementos descritos e a investigação em curso possam colaborar na compreensão de uma trajetória marcada por diversas facetas e rupturas. A trajetória de um intelectual que, entre outras tantas coisas, contribuiu tanto para renovar o perfil da arte moderna do país, como na oposição cultural e política ao autoritarismo vivenciado durante o Regime Militar Brasileiro (1964-1985).

Referências

BARROS, A. Evaldo A. Invocando deuses no templo ateniense: (re)inventando tradições e identidades no Maranhão. *Outros Tempos* (UEMA. Online), v. 3, p. 156-182, 2006. Acesso em: 01/01/2019. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/volume03/vol03art10.pdf>.

BOTELHO, André. *O Brasil e os dias: Estado-nação, modernismo e rotina intelectual*. Bauru/SP: EDUSC, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. 7. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2005.

_____. Social space and symbolic power. *Sociological Theory*, v. 7, n. 1, p. 14-25, 1989.

CALDEIRA, José de Ribamar Chaves. Estabilidade social e crise política: o caso do Maranhão. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, UFMG, n. 46, p. 55-101, 1978.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.

GRISOLIO, L. M. A oposição da revista *O Cruzeiro* ao projeto nacionalista de Getúlio Vargas nas eleições de 1950. *CADUS*, v. 1, p. 1-29, 2015.

GULLAR, Ferreira. *A Luta Corporal*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1954.

_____. *Autobiografia poética e outros textos*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. *Um pouco acima do chão*. São Luís/MA: Edição do Centro Cultural “Gonçalves Dias”, 1949.

LICAR, A. C. N.C. *Atenas Brasileira X Babilônia de Exílio: uma análise da decadência intelectual do Maranhão (1894-1932)*. 130 f. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, 2007. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/curso/monopdf2007.1/Ana_caroline.pdf. Acesso em: 03/01/2019.

MEIRELES, Mário Martins. *História do Maranhão*. São Luís: D. A. S. P. Serviço de Documentação, 1960.

MILIBAND, Ralph. Análise de classes. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. *Teoria social hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 471-502.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, F. L. Literatura, Política e Pessoaalidade: lógicas cruzadas de atuação no espaço intelectual maranhense (1945-1964). *Tomo (UFS)*, v. Jan/jun, p. 145-179, 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SORÁ, G. *Brasileiras: José Olympio e a Gênese do Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte, 2010.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

_____. *La larga revolución*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

Documentos

Mapa do analfabetismo no Brasil. Brasília: INEP [2000?]. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>

Acesso em: 30/12/2018.

População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais – 1872/2010.
Disponível em:
<https://googleweblight.com/i?u=https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados%3D6&hl=pt-BR>
Acesso em: 10/06/2019.

Jornais

Diário de São Luís, 1940 a 1949. Acesso mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

O Combate, 1948 a 1959. Acesso mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

O Globo (MA), 1947 a 1950 (pacotilha). Acesso mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

O Imparcial, 1926 a 1946. Acesso mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

Maranhão Semanário dos Moços Catholicos, 1937 a 1950. Acesso mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

Tribuna do Povo, de 1949 a 1959. Acesso mediante a *Hemeroteca Digital Brasileira*.

RESUMO: Neste artigo serão apresentados alguns elementos de uma investigação em curso sobre a trajetória social de Ferreira Gullar. Dessa forma, contemplando o ainda pouco estudado período da juventude de Gullar em São Luís, argumento que a análise da trajetória em questão pode ser tanto uma alternativa para a abordagem do fenômeno da dominação das elites, quanto das formas de luta e resistência.

Palavras-chave: Ferreira Gullar; Trajetórias; Dominação das elites.

RESUMEN: Este artículo presentará algunos elementos de una investigación en curso sobre la trayectoria social de Ferreira Gullar. Por lo tanto, al contemplar el período aún poco conocido de la juventud de Gullar en São Luís, sostengo que el análisis de la trayectoria en cuestión puede ser una alternativa para abordar el fenómeno de la dominación de la elite, como las formas de lucha y resistencia.

Palabras clave: Ferreira Gullar; Trayectorias; Dominación de las élites.